

APRESENTAÇÃO

Análise do Discurso e desigualdades sociais: temas sensíveis

A relação entre discurso e desigualdades é ampla e, sobretudo, transdisciplinar. Trata-se de uma espécie de entrelaçamento abstrato que envolve campos de estudo mesclados por desafios e tramas que emergem no tecido da sociedade como um todo, urdido por questões preocupantes configuradas, por um lado, nas desigualdades socioeconômicas, geradas por vertentes políticas, jurídicas, religiosas, midiáticas e até mesmo científicas, o que envolve desde correntes literárias, perpassadas pelo discurso, instância que faz da língua um contrato social. Por outro lado, a Análise do Discurso, cada vez mais voltada para temas sensíveis, costuma promover e, inclusive, fomentar temas de debate voltados para discriminações de gênero social, de raça, de classe e até mesmo de preconceito linguístico, abrindo campos profissionais para discussões, dentro de princípios éticos, que promovam práticas sociais transformadoras e pesquisas que valorizem marcas identitárias e diversidades linguísticas e sociais. Tais discussões envolvem núcleos familiares e sociais em situação de pobreza, incluídas em comunidades educacionais rurais ou urbanas, mas quase sempre multiplicadas em espaços delineados, seja por fronteiras linguísticas naturais, tanto regionais como geográficas, ou isoladas pelas periferias que brotam a cada dia, às margens das grandes metrópoles, distanciadas pelas demarcações que implicam exclusão, balizadas por soluções arquiteturais e urbanas, entre outras.

A amplitude do campo de problematizações possíveis entre linguagem e desigualdade delineou, desde o princípio, o desafio assumido pelo grupo de pesquisa da UFMG na organização do **IV Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso, o SIAD**. Sua temática move-se se impôs aos conferencistas, palestrantes e pesquisadores do Brasil inteiro e de 22 países que, aceitando o desafio, vieram discutir tema tão sensível e tão relevante

Seja no plano do fazer social, espaço externo da produção do discurso, seja no plano interno, linguístico, enunciativo e semiótico, a relação entre discurso e desigualdade deve ocupar um lugar privilegiado no debate contemporâneo, independentemente do contexto geográfico, nacional ou cultural, ou do fato de tratar de objetos sensíveis de pesquisa. Trata-se, aqui, de seres humanos que colocam o pesquisador diante do dilema possível entre uma ética da convicção científica – distanciada e pretensamente neutra – e uma ética do compromisso, ou

da responsabilidade cidadã, que engaja o pesquisador na escolha e na análise de seus objetos de pesquisa. Essa questão, já levantada por Max Weber, continua no centro do problema da relevância do fazer científico, em especial nas ciências humanas.

Compreendemos, também, que essa é uma questão que abrange todas as relações sociais e humanas. As desigualdades sociais passam, necessariamente, pela linguagem, por meio do discurso, por suas condições de produção, de emergência, de resistência, de circulação e de representação. Não se trata, porém, de discutir apenas a desigualdade social nos seus aspectos políticos, ideológicos, econômicos e estruturais, certamente relevantes, mas de identificar, descrever e interpretar a função e a representação da desigualdade na e pela linguagem, bem como seus modos de funcionamento nas diferentes práticas discursivas e sociais. E também de pensar em que medida o exercício da linguagem, ou seja, o discurso, constrói, ou pelo menos reforça, mantém, retroalimenta e replica as desigualdades em suas múltiplas facetas.

Afinal, o problema da reprodução das relações de produção, da dominação pelo discurso, bem como do papel das representações nas formas de dizer, de ouvir e de silenciar é de grande atualidade. Ressaltamos, aqui, o que foi apontado duramente por Althusser (1970) e por Pêcheux (1975), mas também, de forma distinta, por Giddens, em termos de reflexividade institucional e social, ademais de Foucault (1970), cuja ordem do discurso já prevê, em seu próprio funcionamento, a exclusão, o silenciamento e a rarefação. Por outro lado, destacamos Fairclough (1992), que salienta o poder do discurso e os abusos de seu exercício, bem como van Dijk (2011), ao ressaltar o quanto o controle do discurso impõe, nos seus diferentes contextos, a ideologia dominante sobre os indivíduos mais vulneráveis. Cabe, ainda, ressaltar o pensamento de Charaudeau (2006), na ênfase dada aos modos e situações em que os imaginários sociodiscursivos circulam e orientam práticas, enfim, por tantos outros que enfatizam a crítica da relação entre discurso, sistemas disciplinares, dominação, poder e desigualdade.

Os temas desta edição são instigantes. Temas sensíveis como a justiça social – e, por consequência, as bases da injustiça e da exclusão – no discurso do populismo histórico. Pode-se ponderar que se trata de um discurso que se reveste da pretensão de representar a voz do povo, seus desejos e esperanças, às vezes em detrimento dele próprio, sempre apontando inimigos internos e externos. Uma forma de populismo que nada tem de anacrônico, pois retorna sempre ali onde não o esperamos mais, pois, afinal, o povo existe e merece proteção! Merecem, ainda, atenção, aqueles temas não menos sensíveis, como a retórica do discurso político e sua prática sistemática – talvez universal – de desqualificação do adversário e da centralidade do *ethos*. *A egopolítica*.

Que relação o campo político tem a ver com o problema da desigualdade social? Ora, no coração do discurso político estão as idealidades sociais, a proposição de um projeto salvador – ideal, justo, inclusivo, igualitário - ao qual o adversário estaria buscando sempre se contrapor para impedir sua concretização e impor a dominação malévola ao povo. Esvaziamento da argumentação em proveito das narrativas retóricas? Evidências subjetivas, assujeitamentos ideológicos de um lado e do outro, ou jogo retórico, busca de persuasão, perda da racionalidade argumentativa em proveito da desconstrução do oponente, das emoções políticas fáceis, do ódio, da desconfiança. No campo (político) de onde se espera a promoção do bem-estar social e da igualdade, vê-se o paradoxo do reforço das tensões, das divisões e do dissenso.

Temas delicados, objetos sensíveis. A favela, como estado de coisas real, tangível, concreto, visível pela ausência do estado, pela falta de saneamento básico, precariedade escandalosa na saúde, na educação, na infraestrutura, na urbanidade, espécie de resíduo grotesco do capitalismo selvagem, do estado corrupto, da cegueira social, bem como dos eufemismos do discurso. Ainda que o nome favela seja oriundo de uma singela árvore, que nenhuma responsabilidade tem sobre a reprodução histórica da exclusão e do banimento, é importante sempre a ele retornar, redescobrir e polir suas asperidades, que se tornaram insuportáveis com o tempo, através de novos nomes que, ao amortecer o real, suavizando-o, ao mesmo tempo, mascaram-no, ou o podem dissimular, ocultando a realidade mediante os efeitos de uma política da polidez discursiva. *Comunidades!* E o tempo e a indiferença se ocupam do restante do trabalho, cujo resultado final é sempre o mesmo: a cegueira social, o jogo das invisibilidades, a mitigação da exclusão.

Nesse sentido, o objetivo maior da análise do discurso nem é tanto mais mostrar o mundo invisível por detrás do mundo visível. O que estaria oculto por detrás das palavras, apesar de ser algo maior, é sempre abstrato, menos palpável e bem mais difícil de se identificar. Buscar mostrar aos leitores, à sociedade, à academia, aos leigos e aos especialistas, assim como a nós mesmos, o quanto é invisível a invisibilidade do visível, ou como o olhar já dispensa o olho e até mesmo o observador que, antes de pensar o objeto mirado, já está, em certa medida, observado e pensado por este.

A história dos discursos e a permanência de seus objetos e dispositivos não cessam de nos surpreender ou, ao contrário, de nos fazer retornar a um ponto inicial que resiste à mudança. Vale, aqui, um paralelismo por oposição ou contraste. Vejamos. Por um lado, tomemos, como exemplo de análise uma propaganda de sabão em pó, a qual, mediante um processo de interpelação, incentiva a mulher a ser “moderna”. Para tanto, ela deve deixar de lavar a roupa com o antiquado sabão de barra para atingir a sua maturidade, liberdade e emancipação,

aderindo à tecnologia do sabão em pó. Mãe e filha, felizes, pois doravante modernas, parecem deixar o dispositivo da dominação masculina ao aderir à evolução da tecnologia doméstica, à tecnologia intrínseca ao gênero feminino e ao seu lugar no mundo patriarcal. Por outro lado, cavaleiros das estepes não lavam roupa, mas suavizam o trabalho de suas fêmeas com novas tecnologias que, como os eufemismos, suavizam a dominação. O problema do gênero e das vozes femininas, silenciadas, mas constantemente representadas em diferentes discursos – publicitário, artístico, religioso, político e midiático, entre outros – é mais um objeto sensível, e ainda mais delicado, porque inseparável da doçura e da emotividade que lhes foram imputadas historicamente ou, como sói dizer, por Deus. Daí, a sua institucionalização como “coletivos”, esse novo dispositivo que encapsula os grupos excluídos e dominados, além de lhes tentar abrir um espaço discursivo, mas sempre paradoxal, pois são representados por outros meios que costumam (des)construí-las ou mesmo abafar suas vozes.

Em um mundo globalizado – palavra que alimentou ambições enormes, esperanças e frustrações – a mobilidade de homens e de nacionalidades superou oceanos e desertos, à guisa de negócios, de prazer, de desejo de evasão, mas também de fuga para escapar da violência, da guerra, das invasões (i)legítimas, da fome (no tempo da superprodução mundial de alimentos). E o cidadão globalizado, agora, traz também, como nunca, a marca do migrante refugiado. Antes, *os imigrantes*, agora *os refugiados*. Aqueles formavam uma geração de empreendedores, estes formarão uma geração de párias? Refugiado apátrida, indocumentado, amalgamado com o potencial neurótico do fundamentalismo e do terror, “os refugiados”, novo coletivo que se junta a outros: favelados, miseráveis, famintos, *sans-papiers* enfim, pessoas em situação de pobreza total. Dar a palavra aos refugiados é possível? Em que situação eles falam? Em quais dispositivos? Com quais subjetividades? Em quais formatos discursivos? Falar de si, falar do outro, narrar a si mesmo, sua trajetória de vida, como Ulisses em suas viagens e batalhas? Que narrar é esse, que narrativas-de-vida são essas? Relatos de experiências de refugiados, informes de Chefes de Estado, narrações de homens políticos candidatos à história de suas contingências ou às contingências da história sempre fabricada? Homens e mulheres que falam da história de sua inclusão na ordem do discurso e de sua exclusão da ordem social. Aqui, é um apátrida em fuga reclamando seu lugar ao sol. Lá, é o político e sua biografia, a história de seu destino, as causalidades de sua grandeza e de sua pequenez. Em todos os casos, no contado estará o contador.

Como se dá, enfim, a apropriação da fala do dominado pelo dominante e como compreender e analisar essa relação de apropriação e de representação do discurso do outro e, em especial, dos locutores vulneráveis, aqueles que, por alguma razão, não podem – e não

devem – falar? Insegurança locutória? Insegurança social? Regimes de silenciamento e de representação da vulnerabilidade pelos que detêm o poder do exercício do dizer? Mais um tema sensível tratado aqui.

Como se pode observar, os fenômenos sociais aqui discutidos são sensíveis, engajam os pesquisadores ao mesmo tempo em uma ética da convicção, das neutralidades (im)possíveis, e em uma ética do compromisso, da cidadania, em que a escolha do objeto determina, em parte, a ação, a razão e a emoção do sujeito investigador. Mas é possível ser diferente? Seja como for, as desigualdades são solucionáveis no discurso ou pelo discurso? Se, em certa medida, o discurso já contribui para reforçar, manter ou fazer circular as desigualdades, nele também pode estar contida a resistência, a solução para desigualdades estruturais, muitas vezes constitutivas da ordem social humana? Como definir tal noção e quais são as condições para o seu estudo? E, sobretudo, como distinguir o estudo das propriedades discursivas e enunciativas das desigualdades, ou seja, seu funcionamento linguageiro, do funcionamento das desigualdades propriamente ditas, estruturais. Em síntese, como distinguir o olhar que a tudo vê, o vigilante sinóptico, o olho, que traz consigo o sujeito que vê, do objeto observado, o contado do contador? São por essas vias retas e, ao mesmo tempo, sinuosas que transitam os olhares, as miradas profundas, bem como os corações dos autores desta coletânea.

Mais que um número temático que enriquece o volume 18(1)2017 de *Cadernos de Linguagem e Sociedade (Papers on Language and Society)*, a presente publicação, além de reforçar os vínculos acadêmico-científicos que já existem entre a UFMG e a UnB, traz relevantes contribuições de estudiosos nacionais e estrangeiros que integraram a programação do **IV Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso (IV SIAD)**, realizado em outubro de 2016 UFMG). Entre as colaboradoras que se debruçaram com afinco sobre o tema central do evento, bem como na sua organização, destacamos duas colegas da UFMG, Ida Lucia Machado, Glaucia Muniz Proença Lara, que assinam artigos ao lado de outra grande pesquisadora, Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva, da PUC-SP. Completam o volume cinco autores estrangeiros, pesquisadores que muito têm contribuído em nossas respectivas linhas de estudos no âmbito dos cursos de Pós-Graduação em Linguística no Brasil. A Patrick Charaudeau, Françoise Sullet-Nylander, Patrick Dahlet, Morgan Donot e Marie-Anne Paveau rendemos nossa homenagem.

Com este volume, temos a honra de colocar nas mãos de leitores uma publicação que, além de reunir especialistas renomados na área de estudos do discurso, dá sequência duas outras publicações do simpósio já em circulação: os *Anais do IV SIAD*, (disponível no endereço: <https://simposioad.wordpress.com>), além do número temático da RELIN

(<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/issue/view/513>), Revista de Estudos da Linguagem, publicada em dezembro de 2016.

Wander Emediato (UFMG)
Presidente da Comissão Organizadora do IV SIAD

Denize Elena Garcia da Silva (UnB)
Presidenta da ALED